

Pantoprazol e refluxo esofágico

O refluxo esofágico tem papel importante no desenvolvimento da doença conhecida como refluxo gastroesofágico. O estudo comparou a eficácia e tolerabilidade do pantoprazol 20mg/dia com ranitidina 300mg/dia em pacientes com refluxo. Duzentos e setenta e três pacientes foram randomizados e confirmados, endoscopicamente, para refluxo esofágico leve, na forma de estudo duplo-cego, paralelo em 32 centros, no México.

Os pacientes receberam 20mg, uma vez, ao dia, ou ranitidina 150mg, duas vezes, ao dia. A endoscopia foi realizada, após quatro semanas de terapia. Pacientes com evidência de esofagite foram tratados por mais quatro semanas. Após esse período de tratamento, a melhora média era de 89% (158/177) com pantoprazol, e 76% (65/86) com ranitidina. Após oito semanas de terapia, a melhora cumulativa foi de 96% e 88%, respectivamente, para pantoprazol e ranitidina.

Após quatro semanas de tratamento, a melhora do sintoma de queimação foi significativamente superior para pacientes tratados com pantoprazol que os tratados com ranitidina. - Publicado na *Clin Drug Invest* 18(6):445-451.

Memantina e neuropatia diabética

A memantina, um bloqueador de receptor N-metil-D-aspartato, diminui significativamente a dor noturna associada à neuropatia diabética, de acordo com um estudo relatado no 52° *Meeting Anual da Academia Americana de Neurologia*. Os dados apresentados referem-se a um estudo multicêntrico com 375 pacientes randomizados por um período de oito semanas para tratamento oral com memantina 20mg/dia ou 40mg/dia e placebo.

A idade média do grupo estudado foi de 60 anos. A média de duração do diabetes foi de 12 anos e a duração da dor foi de quatro anos. A maioria dos pacientes não havia respondido a terapia convencional. Em geral, 44% dos pacientes que receberam memantina tiveram redução de 50% no estudo primário de ponto final, na melhora da intensidade da dor noturna com base em escala visual análoga, comparados com 29% no grupo placebo. A diferença entre a dose de 20mg e placebo não foram estatisticamente significativas.



FDA e o tratamento para desordens da libido em mulheres

Pela primeira vez, foi aprovada, nos EUA, pela FDA uma terapia para mulheres que experimentam sensação reduzida, diminuição da lubrificação e dificuldade de atingir o orgasmo, durante o ato sexual. A FDA aprovou a divulgação da terapia clitoriana, conhecida como EROS-CTD. A terapia é direcionada para desordens sexuais em mulheres, na forma de disfunção relacionada a um fluxo inadequado do clitóris.

Um resultado de estudo piloto, em dois centros, com 25 mulheres foi apresentado pela companhia fabricante do produto no *American Urological Association Conference*, em Atlanta (EUA). O estudo envolveu mulheres pré- e pós-menopausa, com o distúrbio e sem o distúrbio. Setenta e três por cento das mulheres experimentaram melhora na lubrificação, 86% relataram aumento nas sensações, 55%, melhora no orgasmo, e 77% relataram aumento na satisfação total.

L-arginina e o coração

Estudo realizado em 30 pacientes com doença coronariana usou arginina (9g) e placebo, diariamente, por um mês, adotando sistema cruzado, após um mês de parada da terapia. Óxidos de nitrogênio no soro, fluxo da artéria braquial e moléculas de adesão celular no soro foram medidos, antes e após o tratamento. A L-arginina aumentou significativamente os níveis de arginina no plasma, em relação ao placebo.

Entretanto, não houve efeito nos óxidos de nitrogênio, no fluxo da artéria braquial ou nas moléculas de adesão celular, como a E-selectina, moléculas de adesão intercelular – 1. O estudo sugere que a terapia não melhora a biodisponibilidade de óxido nítrico em pacientes com doença coronariana. – Publicado na *Circulation* 2000; 101:2160.

NAC e função da célula T

A administração de N-acetilcisteína (NAC) para reposição em pacientes com deficiência de glutatona melhora a função da célula T e bloqueia a expressão HIV *in vitro*. Estes achados foram relatados pelo Dr.



Leonara A. Herzenberg, da *Stanford University Medical School*, na conferência do NIH. A deficiência de glutatona causa deficiência na função da célula T e promove a expressão do HIV estimulada por citocinas, e é comum entre indivíduos infectados por HIV com contagem de CD4 abaixo de 200 células por microlitro.

Antes do advento da terapia antiretroviral, a deficiência de GSH em pacientes com HIV foi associada à menor expectativa de vida. Durante trabalho controlado por placebo, o Dr. Herzenberg e seus colegas encontraram que a tioredoxina, uma proteína redox central na fisiologia da célula, estava elevada em pacientes infectados por HIV e predizia uma baixa média de sobrevivência, por período de 15 meses, para pacientes com contagem de CD4 abaixo de 200 células por microlitro.

Segundo o trabalho, o estresse oxidativo aumenta Trx, e pode ser visto como uma garantia de morte. A NAC bloqueia a liberação de Trx *in vitro* e isto parece ser importante causa de aumento de Trx em pacientes imunodeficientes.

Ácidos graxos, antioxidantes e doenças inflamatórias

Uma combinação de ácidos graxos essenciais e antioxidantes parece ser um tratamento eficaz em lesões motoras repetitivas, como a lesão do tenista ou do golfista. Sore Mavrogenis, uma fisioterapeuta do Comitê Olímpico Dinamarquês, relatou que o tratamento é eficaz para centenas de casos de recorrência de lesão inflamatória. Ele e seus colegas recentemente realizaram um estudo sobre a propriedade anti-inflamatória deste novo tratamento, que foi testado, pela primeira vez, em 1996.

Os resultados do trabalho confirmam as observações clínicas anteriores que forneceram as impressões iniciais de que lesões inflamatórias podem ser tratadas sem o uso de anti-inflamatórios não esteroidais. O suplemento nutricional continha ômega 3 (óleo de peixe), ômega 6 (óleo de borragem), vitaminas A, B6, E e mais selênio e zinco. De acordo com o trabalho, os pacientes respondem positivamente ao tratamento, após duas a três semanas, dependendo da severidade da lesão.

Espironolactona e hirsutismo

Quarenta e seis mulheres com hirsutismo foram randomizadas em dois grupos, estratificadas para síndrome de ovário policístico. Por 12 meses, o grupo 1 (21 pacientes) recebeu somente espironolactona (200mg/dia). O grupo 2 (23 pacientes) recebeu acetato de ciproterona (50mg/dia) com etinil estradiol (35mcg/dia). O hirsutismo foi avaliado, de acordo com escala de Ferriman-Gallwey, e foram analisados testosterona sérica, androstenediona e LH.

O hirsutismo regrediu igualmente com espironolactona e ciproterona. Em pacientes com ovário policístico, o escore de hirsutismo, após 12 meses, foi significativamente menor com ciproterona que com espironolactona. Níveis de testosterona não alteraram com a espironolactona, com ciproterona houve diminuição nos pacientes com ovário policístico. Androstenediona também diminuiu nos pacientes com ovário policístico tratados com ciproterona.

Os resultados sugerem que a espironolactona utilizada isoladamente é tão eficaz, quanto ciproterona combinada com estradiol para tratamento crônico de hirsutismo idiopático. Em pacientes com ovário policístico, a espironolactona também é eficaz na redução do hirsutismo. Entretanto, para as manifestações hormonais ou metabólicas associadas a ovário policístico, parece ser necessária combinação de espironolactona com ou agente antigonadotrófico ou droga que melhore a sensibilidade periférica a insulina. – Publicada na *Clin Endocrinol* 52(5):587-594.

Deficiência de B12 no idoso

Tem sido sugerido que as concentrações adequadas de vitamina B12 e folato são essenciais para a manutenção da integridade neurológica envolvida na regulação do humor. Porém, evidências epidemiológicas ligando esta sugestão à população geral não estão disponíveis. Este estudo analisou uma comunidade de mulheres idosas deficientes de folato ou B12 e depressão. Os níveis de vitamina B12, folato e ácido metilmalônico e homocisteína total foram dosados em 700 pacientes, não dementes, com idade de 65 anos, a depressão foi medida por meio da escala geriátrica de depressão, e classificadas como: sem depressão, depressão moderada, depressão severa. Os resultados mostraram que a deficiência de vitamina B12 está associada com um risco dobrado de depressão severa. Publicado na *Am J Psych* 157:715-721.